

O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

Pe. Francisco Zeno

1. O ESPÍRITO SANTO NA VIDA DO POVO DE ISRAEL

O povo de Israel pôde experimentar a presença do Espírito Santo como uma força e, desta forma, muitos homens tornaram-se profetas, outros foram arrebatados e atirados sobre montes ou em vales (Cf. 2Rs 2,16). Isaías 61,1-2 nos apresenta a missão do Espírito Santo na vida do povo de Israel, recordada por Jesus no início de sua vida pública (Cf. Lc 4,17-19). A profecia de Isaías se consolida no Cristo para a salvação da humanidade.

O reinado de Saul é marcado pela presença do Espírito Santo, pois ele também profetiza e fala sob ação do Espírito (Cf. 1Sm 10,5-6; 19,20-24). As manifestações do Espírito de Deus na vida de Israel são diversas: conheceram a força e o poder do espírito de Iahweh; concretamente, em suas vidas.

Mediante o Espírito Santo, Deus tem conduzido seu povo desde o início da criação até os nossos dias. Mesmo com os pecados da humanidade, Deus não retira do mundo o seu Espírito, pois crê no ser humano e em sua total libertação.

O homem criado à *imagem e semelhança de Deus* (Gn 1,26) é instrumento de amor do Pai e, por conseguinte, possuidor do Espírito de Deus

que o liberta e salva. Israel experimentou o Espírito de Deus como um sopro nas narinas, o vento leste que secou o mar (Ex 14,21; 15,8-10). Deus criou o mundo pela Palavra e pelo Espírito (Gn 1,2; Sl 33,6) e, em cada primavera, este é renovado (Sl 147,18). A vida das criaturas do Senhor contém o Espírito que Ele expira e, devido a morte, inspira (Sl 104,29s; 147,1; Is 59,21); se o primeiro acentua a vitalidade imponente e muitas vezes inconcebível de Deus, a segunda acentua que ele quer ser reconhecido e confessado em todo o mundo.

O Exílio trouxe para Israel a esperança de uma *nova criação*, onde o Espírito do Senhor veio a reinar como uma grande tempestade julgadora que tudo sufoca (Os 13,15), e como uma suave e refrescante brisa que muda o deserto em pomar (Is 32,15-18). O Espírito de Deus tempestuoso, que bane para fora da terra todo mal, cria para si um povo santo (Is 4,4). Então, Deus colocará seu próprio espírito no coração do gênero humano, aniquilando todo o mal, e dando-lhe um coração novo (Ex 36,25-27; 39,28s).

A manifestação do Espírito de Deus é altamente profética e salvífica. O povo recebe a efusão do espírito de modo semelhante à chuva que torna a dar vida à terra seca (Sl 32,15; 44,3; Ez 36,25; Jl 3,1s), como um ma-

ravilhosos sopros que restaura a vida a partir de ossos ressequidos (Ez 37). É uma *nova criação*, o advento duma nação renovada no direito e na justiça (Is 32,16) na qual as pessoas trazem consigo corações transformados e prontos a ouvir a voz do Senhor e serem fiéis à sua Palavra (Is 59,21; Sl 143,10) e a sua Aliança (Ez 36,27).

Ao ser renovado e transformado pelo Espírito, o povo de Israel reconhece seu Deus, e Deus, por sua vez, reencontra o seu povo: *Não lhes esconderei mais a minha face porque terei derramado o meu espírito sobre a casa de Israel* (Ez 39,29).

No Mar Vermelho e da nuvem, o Espírito Santo agia em Moisés e conduzia Israel ao lugar de seu repouso (Is 63,9-14). Apesar do povo ser capaz de *contristar o Espírito Santo* (Is 63,10), para que haja um contínuo despertar dos dons, implora a intervenção de Iahweh: *És tu Iahweh que és o nosso Pai... Por que Iahweh nos deixa errar longe dos teus caminhos?... Ah! se abrisses o céu e descesses* (Is 63,15-19).

Do início ao fim do Antigo Testamento o Espírito e a Palavra de Deus não cessam de agir na vida do povo de Israel. Se Israel é capaz de aderir em seu coração a essa Palavra, não será senão no Espírito. Altamente inseparáveis, estas duas potências têm aspectos distintos. A Palavra age de fora para dentro, como a espada que transpassa o coração; o Espírito é fluído, penetra imperceptivelmente. A

Palavra se faz ouvir e conhecer; o Espírito permanece invisível. A Palavra contém a revelação; o Espírito, a transformação interior na vida do povo.

1.1 O Espírito Santo liberta o homem

O homem traz consigo a graça da liberdade que provém de Deus. É templo vivo de Deus Altíssimo. Está contida na natureza humana toda a graça provinda do Espírito Santo.

Em Ex. 3,7-10 Deus envia o seu Espírito a Moisés, o qual é, por sua vez, enviado para libertar o povo escravo do jugo egípcio. Para Deus, a liberdade é o maior bem que o gênero humano pode obter, pois mediante esse bem, o homem é capaz de realizar a vontade do próprio Deus. Ao enviar Moisés, diz o Senhor: *Vai, pois, e eu te enviarei ao Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel* (Ex 3,10).

A atitude de Deus é uma atitude de amor, e isto provém do seu Espírito, que assegura a unidade de Israel e assim age na vida desta porção da humanidade. Para o povo, escravo no Egito, a libertação mesmo que demorada, representa um caminhar para a *Terra Prometida*, para uma terra de fartura, onde *jorra leite e mel*.

É através da história que Israel conhecerá o poder libertador do Espírito de Iahweh, pois Iahweh utilizou de elementos da natureza para concretizar a libertação de seu povo. A presença libertadora de Deus se dá

em vários elementos, como uma nuvem (Ex 13,21), como fogo abrasador (Ex 3,2; Gn 15,17), na tempestade (Ex 19,16; Sl 29, 2ss), como uma brisa suave (1Rs 19,12s).

A nova Aliança torna-se-á uma renovação e restauração dos corações mediante o dom do Espírito (Ex 36,23-28). A libertação já não é mais estendida unicamente a Israel, mas a todas as nações, mediante o Espírito Santo que consolidará na humanidade, em Cristo, todo o processo de libertação do homem.

1.2 O Espírito Santo suscita profetas

Os grandes profetas mostram, de forma clara, a ação do Espírito Santo em suas vidas, atribuindo à mão de Deus força que possuíam (Cf. Is 8,11; Jr 1,9; 15,17; Ez 3,14). A palavra que anunciam provém da vivência do cotidiano, não brotada unicamente deles, e sim de Iahweh que os envia. Tal conexão aparece em Elias (1Rs 19,12) e jamais se extingue. Palavra e Espírito estão unidos e, desta forma, o Espírito não está unicamente limitado em fazer surgir uma nova personalidade a serviço de sua ação, mas lhe proporciona total acesso ao entendimento e ao segredo da ação. O Espírito não é só a *inteligência e a força*, mas *conhecimento de Deus e de seus caminhos* (Cf. Is 11,3).

O Espírito Santo, ao abrir aos profetas o acesso à Palavra de Deus, revelando-lhes a glória divina (Cf. Ex

3,12; 8,3), faz com que eles se *coluquem de pé* (Cf. Ez 2,1; 3,24) a fim de falarem ao povo (Cf. Ez 11,5) anunciando-lhe o juízo que está próximo. Desta forma, faz dos profetas testemunhas de Deus (Cf. Ne 9,30; Zc 7,12). O Espírito de Deus vai descansar, também, sobre Moisés, que se torna o grande líder de seu tempo; o mesmo ocorrerá com os setenta anciãos (Nm 11,17-25 e Is 63,12).

Os profetas estavam ligados inteiramente à Palavra de Deus, a fim de obterem inspiração e força. Antes do exílio, eles nunca apelaram expressamente para o Espírito do Senhor como fonte de inspiração. Isto se deve, talvez, por causa das furiosas e estáticas associações de profetas. Os "falsos profetas" tinham o costume de apelar ao Espírito do Senhor, mas estes nada mais eram que *vento* (cf. Jr 5,13). Certos textos, porém, fazem referência a profetas que tinham o conhecimento do Espírito de Deus em sua ação profética (cf. Mq 3,8). Em Isaías o estabelecimento de uma Aliança que não está em consonância com o Espírito de Deus é a mesma coisa que agir contra o Espírito e sua vontade, que se manifesta no profeta como a boca do Senhor (Is 30, 1ss; 48,16).

Após o Exílio encontramos afirmações onde Iahweh, mediante o seu Espírito, enviou através de antigos profetas as suas instruções (Zc 7,12; Ne 9,30). Em alguns textos, em lugar de *Espírito do Senhor* a expressão

paralela é *mão de Iahweh*, na qual estão contidas os mesmos efeitos sobre o espírito e a vontade dos profetas (1Rs 18,46; 2Rs 3,15; Is 8,11; Ez 3,3; 3,12; 8,13; 37,1; 40,1). A partir do Exílio, o Espírito do Senhor é tido como grande fonte de inspiração dos profetas (Cf. Ez 2,2; 3,24; 11,5).

Mediante o Espírito do Senhor, os profetas recebem instruções de Iahweh (Is 30,1; Zc 7,12); tais instruções são para a direção religiosa e política de povo (2Sm 23,2; 2Cr 15,1; 20,14; 24,20; Is 11,1; 42,1; 61,1). O Espírito de Deus concede aos profetas a força para a pregação, bem como para suportar os sofrimentos (Mq 3,8; 2Cr 24,20).

2. IGREJA, NO AMOR DE DEUS E NA FORÇA DO ESPÍRITO SANTO

A Sagrada Escritura apresenta a Igreja como um grande mistério de Deus oculto, mas revelado e realizado na humanidade (cf. Ef 1,9s; Rm 16,25ss). A palavra "ekklesia" é utilizada no mundo helenístico para designar assembleia, convocada constantemente e ativamente, bem como, denota o encontro do povo (cf. At, 39s).

A Igreja é convocada por Deus. Já o Antigo Testamento denomina: "convocação (Igreja) de Deus", o povo eleito de Iahweh. No Novo Testamento, a Igreja é tida como assembleia dos crentes formada pela própria convocação do nosso Deus em Jesus Cristo, Desta forma, a Igreja tem por missão se fazer presente

no mundo, transformando as realidades de injustiças, e transmitindo o chamado do Pai na pessoa do Filho Redentor.

A realidade da Igreja é expressa por meio de imagens, tais como: Povo de Deus, Edifício de Deus, Lavoura, Videira (da qual Cristo é o tronco), Rebanho (cujo pastor é Cristo), Esposa de Cristo, Corpo de Cristo. As imagens da Igreja que nos são apresentadas pelas Sagradas Escrituras perpassam, desde a vida pastoril e agrícola, até a vida familiar.

"A Igreja é um redil do qual Cristo é a única porta (Jo 10,1-10). É a grei da qual Deus é o Pastor (Is 40,11; Ez 34, 11ss). As ovelhas são governadas por pastores e nutridas pelo Cristo, o bom Pastor e príncipe dos pastores (cf. Jo 10,11; 1Pd 5,4), dá sua vida pelas ovelhas (cf. Jo 10,11-15). É a Igreja a grande lavoura e campo do Senhor (1Cor 3,9), onde há a reconciliação dos judeus e dos gentios (Rm 11,26-36)). Foi plantada pelo agricultor como a vinha eleita de Deus (Mt 21,33-43; Is 5, 1ss). Cristo é a verdadeira videira que dá a vida e fecundidade aos ramos, e sem ele nada podemos fazer (Jo 15,1-5). É a construção de Deus (1Cor 3,9); a pedra angular rejeitada pelos construtores (Mt 21,42; At 4,11; 1Pd 2,7; Sl 117,22); a Igreja é construída pelos apóstolos (1Cor 3,11), tal construção recebe várias denominações: Casa de Deus, morada de Deus no Espírito (Ef 2,19-22), tenda de Deus entre os ho-

mens (Ap 21,3) e templo santo, que representa os santuários de pedra, é louvado pelos Santos Padres e comparado na liturgia com a cidade Santa, a Nova Jerusalém. Mediante ela, quais pedras vivas, somos edificados nesta terra (1Pd 2,5). João contempla esta cidade que, na renovação do mundo, desce do céu, de junto de Deus, adornada como uma esposa enfeitada para seu esposo (cf. Ap 21, 1ss). A Igreja é também denominada de Jerusalém Celeste e nossa mãe (Gl 4,26; Ap 12,17). É também descrita como a esposa imaculada do Cordeiro imolado (Ap 10,7; 21,2-3; 22,17). Cristo amou-a e por ela se entregou, para santificá-la (Ef 5,26); associou-a a si por uma aliança indissolúvel e, incessantemente, a "nutre e dela cuida" (Ef 5,29); tendo-a purificado, a quis unida e sujeita a si no amor e na fidelidade (cf. Ef 5,24); enfim, cumulou-a para sempre de bens celestes para compreendermos a caridade de Deus e de Cristo para conosco, que ultrapassa todo o conhecimento (cf. Ef 3,19). Enquanto está nesta terra, a Igreja se considera exilada, pois peregrina longe do Senhor (2Cr 5,6). Neste seu peregrinar ela não deixa de buscar e saborear as coisas do alto (cf. também LG 8,11).

A Igreja nos é apresentada, ainda, como o "Novo Israel". A partir da eleição de Abraão, consolidada na Aliança (Gn 15,18) é que se dá a formação do povo de Deus. Raça

escolhida da qual surgirá o Salvador e Senhor Jesus Cristo, onde não de se confirmar todas as bênçãos e promessas (Gl 3,16) e, assim, fundará o povo da eterna Aliança, posteridade espiritual de Abraão (Cf. Mt 3,9; Jo 40; Gl 4,21-31; Rm 2, 28ss; 4,16; 9, 6ss).

O Novo Testamento, ao denominar o Novo Povo de Deus, faz um paralelo com o Antigo Testamento, a partir de transposições e contrastes. O mistério Ekklesia, o grande mistério de Deus desconhecido no Antigo Testamento é agora o Corpo de Cristo (cf. Ef 1,22ss); o culto que se presta a Deus é um culto espiritual (Rm 12,1).

A Igreja é o Israel de Deus, altamente espiritual (1Cor 10,18); é um povo conquistado no sangue de Cristo (At 20,28; 1Pdr 2,9s; Ef 1,14), saiu também dos gentios (At 15,14). É a grande esposa, não mais adúltera (Jr 2,3; Ez 16), mas imaculada (Ef 5,27). É o povo da Nova Aliança outrora predita pelos profetas (Jr 31,31ss; Ez 37, 26ss) e selada no sangue de Cristo (Mt 26,28), o grande mediador das nações (Is 42,6). A Aliança não é mais a Lei de Moisés, que não comunicava a vida (Gl 3,21) e sim a do Espírito (Rm 8,2), inscrita nos corações (Jr 31,33ss; Ez 36,27). A Igreja, Corpo de Cristo, é igualmente o templo novo (2Cor 6,16; Ef 2,21; 1Pd 2,5), lugar de uma presença e de um culto melhor do que antigamente e acessível a todos (Mc 11,17).

A Igreja nasce do Espírito Santo, fonte de graças através do qual nasce tudo o que vem de Deus (Jo 3, 5ss). O Espírito Santo impulsiona a Igreja nascente para os confins da terra (At 1,8).

2.1 No batismo de Jesus surge uma nova comunidade

Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, sujeito à Lei, a fim de redimir aqueles que estavam sob a Lei, para que nós conhecêssemos a adoção de filhos (Gl 4,4s).

Às margens do rio Jordão, João Batista traz consigo o anúncio de arrependimento dos pecados e conversão: Convertei-vos pois o Reino de Deus está próximo (Mt 3,2), e assim atrai multidões, a fim de serem batizadas e confessarem os seus pecados (Cf. Mt 3,6; Mc 1,5). João Batista anunciava o grande dia em que haveria de manifestar a todo o povo o Messias, Jesus, que viria salvar todo o gênero humano. Ele procedia do Pai e sua ação era movida pelo Espírito de Deus. O Profeta Isaías profetizara sobre João Batista: voz que clama no deserto, preparai os caminhos do Senhor, tornai retas suas veredas (Is 40,3).

Ao se deparar com Jesus na multidão, João Batista tem toda a confirmação quanto à messianidade de Jesus e recusa-se a batizá-lo, dizendo: Eu devia ser batizado por ti, e tu vens a mim? Jesus, porém, responde: Dei-

xa por agora, pois convém que cumpramos a justiça completa (Mt 3, 14ss). Jesus se apresenta a João, esvaziando-se a si mesmo e assumindo a condição de servo, tomando a semelhança humana (Fl 2,7).

No batismo de Jesus é o Espírito Santo que vem dar testemunho da condição divina do Cristo (Jo 1,29-34). Marcos proclama a Boa Nova de que Jesus é o Filho de Deus (Cf. Mc 1,9-11). O seu batismo abre um novo tempo de graça e de libertação, e isto nos é evidente no abrir-se dos céus, a vinda do Espírito Santo em forma de pomba e a voz do Pai. *Jesus viu os céus se abrirem* (Mc 1,10). Esta abertura dos céus não é apocalíptica, porém, marca a abertura das relações entre Deus e os homens. Jesus vem inaugurar um tempo messiânico que se dá sob a ação do Espírito Santo. O Espírito Santo se faz instaurador da comunidade messiânica, e esta comunidade é também missionária. É sob este contexto de missão que entendemos a *voz do Pai* (Mc 1,11). O céu se abre e Deus se comunica com a humanidade. O elemento da frase “celeste” remonta ao texto de Is 44,2 e Is 62,4. A Jerusalém celeste nos é apresentada nestes textos como uma benevolência divina. É na totalidade da comunidade messiânica que Jesus é objeto desta benevolência. Jesus é o Filho “bem-amado” em quem o Pai encontra a sua complacência (Mc 1,11). Tal declaração se refere a um texto do

Antigo Testamento (Is 42,1: *Eis o meu servo que eu sustento, o meu eleito, em quem tenho prazer*). A filiação divina de Jesus é também permeada por outro texto do antigo Testamento, ou seja, o Salmo 2, v.7: *Tu és meu filho, eu hoje te gerei*. Por ser Jesus o Filho bem-amado pode se dirigir a Deus como Pai com uma profunda intimidade. Como filho bem-amado, realizará a obra messiânica do Servo anunciado por Isaías.

Em Mateus o batismo de Jesus é apresentado como sendo a realização da justiça pelo Servo de Iahweh. Dá, ainda, mais ênfase à missão de Jesus. Lucas se orienta em dois pressupostos particulares: a prece de Jesus e o cuidado em situar o batismo na história da Salvação. Lucas ressalta a prece de Jesus, fazendo uma relação com a vinda do Espírito Santo: enquanto Jesus se coloca em oração o Espírito Santo vem sobre ele (Cf. Lc 3,21-22). É importante notar que na Igreja primitiva os cristãos oravam no instante da efusão do Espírito Santo (cf. At 1,14; 2,1; 4,31), bem como no próprio batismo. Este paralelismo quer mostrar que Jesus é o paradigma para todo homem e, especialmente, para todo cristão. Lucas mostra que se a Igreja realiza seu crescimento sob a força do Espírito Santo, o próprio Jesus realiza seu ministério da Palavra sob a ação do Espírito Santo.

Após o batismo de Jesus, João Batista já não atraía o povo para si, mas indicava o caminho para Cristo.

Sentiu que a sua missão de precursor chegara ao fim e que a de Jesus estava começando. O grande rei “esperado pelas nações” já se manifesta agora para João Batista. *É importante que ele cresça e eu diminua* (Jo 3,30). Desta forma, apresentou Jesus a todos os seus discípulos quando o viu passar: *Eis o Cordeiro de Deus, e estes imediatamente o seguiram* (Jo 1,36s).

A Carta aos Gálatas apresenta uma admirável síntese da vinda, missão e tarefa de Cristo: *Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, sujeito à lei, para que nós conhecêssemos a adoção de filhos*. Jesus, o Filho unigênito do Pai, veio pôr fim ao pacto antigo, criando um novo pacto a partir da graça. Inicia a sua vida pública com grande sinais e milagres, não tinha pretensão de reformar a religião judaica, porém tinha consigo uma grande certeza: Deus é um Pai de amor e se doa aos homens. As leis, os templos e as obras da Lei passaram.

Cristo, após seu batismo, anuncia o Reino de Deus, ou seja, uma comunidade sobrenatural baseada na salvação e na felicidade para todos os homens. Desta forma, escolheu alguns discípulos e, destes, os apóstolos, os quais constituiu em graça e poder. Revestiu-os da essência de sua missão e enviou-os a todos os homens com autoridade. Designou Simão Pedro para conduzi-los, garantindo a continuidade da comunidade nascente.

O batismo de Jesus é inundado pelo Espírito Santo que o cumula de força e graça que provém do Pai, de mesma forma que ocorre com a comunidade dos amados do Pai no Filho. Assim, o batismo de Jesus fora o grande anúncio de como esta comunidade seria consagrada à Palavra, à pregação do Reino. A comunidade dos discípulos é ensinada e conduzida por Jesus no Espírito Santo e se prepara a cada instante para sair pelo mundo, a fim de que *“todos sejam um, para que o mundo creia”* (Jo 17,21).

A esta comunidade está assegurada o Espírito Santo, que é o *“advogado”* dos discípulos: *Quando vier o Advogado, o Espírito Santo (Espírito da Verdade) ensinar-vos-à toda a verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que ouvir, anunciar-vos-á as coisas que virão* (Jo 16,13). Tal verdade fará dos discípulos homens capazes de enfrentar o mundo, os inimigos, as trevas, o pecado e o demônio.

Após três anos de vida pública, Jesus é morto na cruz por aqueles que não reconheceram n'Ele o enviado do Pai: *Ele veio para a sua casa, mas os seus não o receberam* (Jo 1,11). Grandes sinais acompanharam a morte de Jesus provando, assim, a sua divindade e unidade com o Pai. O véu do Templo rasgou-se por si, mostrando que a Antiga Aliança passara, e com a morte de Jesus consolidou-se uma *“Nova e Eterna Aliança”*. Após três dias, Jesus ressurgiu do sepulcro como predissera, permane-

cendo quarenta dias com os seus a fim de, logo em seguida, retornar ao Pai. Antes porém de partir para o Pai, Jesus promete o Espírito Santo: *... receberéis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins de toda a terra* (At 1,8). Após ter dito, Jesus ascendeu aos céus e *“estando o olhar atentamente para o céu, enquanto se ia, dois homens vestidos de branco encontraram-se junto deles e lhes disseram: Homens da Galiléia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, o que foi arrebatado dentre vós para o céu assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu* (cf. At 1,10s).

2.2 Pentecostes: a Igreja que surge do amor e da perseguição

Após a morte, ressurreição e ascensão de Jesus, Jerusalém recebe a primeira comunidade de homens e mulheres crentes em Jesus, o Messias. No decorrer do período de quarenta dias após a ressurreição Jesus, permaneceu com os que Ele amava, os discípulos. Deu-lhes instruções a fim de propagar o Reino anunciado por Ele (Cf. At 1,3). Instrui-os a fim de permanecerem em Jerusalém até a vinda do Espírito Paráclito (Jo 14,16) que haveria de fortalecê-los e torná-los suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e na Samaria, até

os confins de toda a terra” (At 1,8). Transcorridos dez dias após a ascensão, quando os judeus comemoravam a festa das messes (cf. 2Mc 12,32) se dá a vinda do Espírito Santo depois que todo o grupo dos doze fora restabelecido (Matias foi eleito em substituição a Judas Iscariotes).

O fenômeno de Pentecostes foi repleto de milagres: ventos impetuosos, línguas de fogo, discursos em línguas estrangeiras. Como chefe dos apóstolos Pedro fez sua profissão de fé diante de todo o povo, proclamando Jesus como o Senhor que morreu, ressuscitou e está à direita do Pai. Cumpriu-se o que disse o profeta Joel: *Sucedará nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne* (Cf. Jl 3,1s). Esta profecia fora tão verídica, e a ação do Espírito Santo tão maravilhosa que muitos se converteram e foram batizados (At 2). Desta forma inicia-se a obra santificadora do Espírito na Igreja e no mundo. É o novo reino messiânico, independente do Templo e da sinagoga e assegurado pelo Espírito Santo que é *Espírito da Verdade* (Jo 14,17).

Houve um crescimento do número de fiéis na comunidade a partir de Pentecostes (At 2,47). Era a comunidade ideal: *a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era co-*

mun (At 4,32). Entre eles não havia necessitados, pois tudo era partilhado. As ofertas eram distribuídas pelos doze apóstolos, mas estendia-se à comunidade a tarefa de *Servir à mesa* (At 6,2). Tal tarefa tomava muito tempo e comprometia a pregação da Palavra. Esta situação trouxe problemas à comunidade, pois os helenistas (hebreus de língua grega, nascidos no estrangeiro) se queixavam de descuido com as viúvas; por esta causa, os apóstolos decidiram escolher sete homens para o serviço. Estes sete, por sua vez, foram revestidos de uma graça especial mediante a imposição das mãos e das orações; entre eles estavam Estevão e Filipe (At 6).

A comunidade primitiva procurava estar na sinagoga durante as orações e observavam a Lei, participavam, também, das celebrações juntamente com os apóstolos em casas de famílias convertidas. *Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações* (At 2,42).

Após o Pentecostes, o número dos fiéis crescera por todos os lugares. Tal acontecimento preocupou os legisladores da época, tendo como centro o Sinédrio, local onde funcionava a administração jurídica dos hebreus e onde Jesus fora apresentado. Como acontecera com Jesus, não podia ser diferente com seus discípulos: foram intimados a comparecer ao Sinédrio muitas vezes e proibidos de pregar em nome de Jesus. Sofreram perseguições, foram presos e flagelados.

Ao pregar, publicamente, o fim da aliança antiga, por obra de Jesus, o diácono Estevão foi apedrejado pelos judeus, tornando-se o primeiro mártir da Igreja, por volta do ano 33. Este martírio abriu as portas para uma grande perseguição da comunidade e, principalmente, ao grupo helenista; muitos se refugiaram na Judéia e na Samaria, com exceção dos Apóstolos (cf. At 13,8) que permaneceram unidos e íntegros na doutrina recebida de Cristo. As perseguições trouxeram para a Igreja um tempo novo, isto é, todos se espalharam e semearam as sementes do Verbo em todos os lugares (cf. At 8,4).

Filipe pregava na Samaria. Levava a todos a mensagem do Reino, convertendo muitos. Para lá partiram, também, Pedro e João para impor-lhes as mãos e confirmá-los no Espírito Santo. Muitos cidadãos com influência na sociedade, política e econômica, se convertiam. O camareiro da rainha da Etiópia é batizado por Filipe (cf. At 8, 26ss). Depois o centurião Cornélio de Cesaréia, foi introduzido na Igreja pelo seu próprio chefe, São Pedro. Nesses períodos de perseguições, o Espírito Santo confirmava estas conversões com a realização de milagres e prodígios no seio da mesma comunidade (Cf. At 10,11).

Em Antioquia, capital da Síria, uma comunidade de cristãos vindos do mundo pagão, tinha à frente Barnabé. É desta comunidade que surgirá a denominação de "cristãos" para os

seguidores de Cristo (cf. At 11,16), pois até então eram chamados de "galileus", "nazarenos" (cf. At 1,11; 24,5); entre eles tratavam-se de "irmãos", "santos", "fiéis", "discípulos do Senhor" (cf. At 1,15; 6,1.2.7; Rm 1,7; Ef 1,1).

O Reino era anunciado e a Igreja crescia. Muitos se convertiam e eram batizados. Após o flagelo de Estevão, houve a perseguição de Herodes Agripa, com a finalidade de contentar os judeus. Nessa perseguição foi martirizado Tiago Maior, que era irmão de João. Neste período houve também a prisão de Pedro e sua libertação milagrosa (cf. At 12, 3ss). A comunidade de Jerusalém passa a ser dirigida por Tiago Menor, que era filho de Alfeu, e que se identificara com Tiago Maior (o *irmão do Senhor*) e ali assumira o colégio dos presbíteros (cf. Mt 10,3; Gl 1,9). Este, por sua vez, era muito querido por seus irmãos apóstolos. Em Gl 2,9, Paulo o denomina "coluna da Igreja", e o chama de "justo". Sua epístola, dirigida às doze tribos na diáspora, está contida no cânon do Novo Testamento.

2.3 A comunidade Apostólica recebe a força do Espírito Santo

A Igreja de Jerusalém, tendo os apóstolos à frente, possui características próprias: os apóstolos são testemunhas da ressurreição e são responsáveis pelo "*depositum fidei*". Junto

à comunidade, com Pedro à frente, presidiam e administravam a Igreja. Com a crescente responsabilidade, elegem colaboradores: diáconos e presbíteros.

Após Pentecostes a Igreja já não consegue ficar em Jerusalém, pois era necessário levar a Boa Notícia a todos os cantos da terra. A perseguição surgida com o martírio de Estevão fez com que se rompessem as fronteiras e, assim, o Evangelho começou a ser difundido pelos helenistas, que se tornam os primeiros missionários (cf. At 8,4).

A ação salvífica de Cristo, mediante o Evangelho, atinge os samaritanos (cf. At 8,5-8). Os apóstolos estão à frente da missão. Pedro e João se encontram em Samaria, e estes, mediante a imposição das mãos, dão aos neófitos o dom do Espírito Santo no batismo. A Samaria é importante na evangelização e no plano salvífico de Jesus, pois é o símbolo da reunião dos dois reinos de Israel davídico (cf. Jr 30, 1ss).

O dinamismo da missão dos apóstolos deriva de Jesus de Nazaré e da força do Espírito Santo. A visão do Reino de Deus que atinge todo gênero humano, se torna práxis na experiência dos apóstolos que, na ressurreição, encontram em Jesus o seu fundamento: *é o Senhor de todos os homens* (cf. At 10,36). Tal visão se dá na base de missão, saída das raízes judaicas, e que não se restringe ao povo hebreu, mas atinge o mundo. Desta forma, todos os trabalhos são

encarados com a máxima responsabilidade por todos aqueles que passam a fazer parte do grupo que adere à proposta de Jesus num testemunho vibrante. O projeto salvífico de Jesus terá a sua continuidade a partir do testemunho vivo da fé que há de envolver toda a comunidade *para que o mundo creia* (cf. Jo 17,21).

Os apóstolos recebem a autoridade para ensinar, pregar o reino e batizar todas as nações (cf. Mt 28,19). Jesus mostra a seus discípulos que no Reino do Pai não pode haver distinção de pessoas, e que os pagãos também têm seu lugar (cf. Mt 8, 11ss; Lc 14,21-24).

Aos doze apóstolos Jesus confirma a autoridade e o poder na comunidade: Pedro é a pedra na qual se encontra a estabilidade do grupo e da Igreja; é ele o responsável de abrir e fechar as portas da cidade celeste; nele está contido o exercício da disciplina e manutenção da doutrina (cf. Mt 16,18; Lc 22,32; Jo 21, 1ss). Aos outros apóstolos é confiada a renovação da ceia (cf. Lc 22,19) e, como Pedro, a autoridade de "ligar e desligar" no concernente ao julgamento das consciências (cf. Mt 18,18; Jo 20,22).

A Igreja é uma sociedade organizada e visível que sinaliza o reino. Construída e alicerçada na rocha, perpetua a presença de Cristo ressuscitado, através do serviço apostólico e da Eucaristia. Ela vencerá os poderes do inferno, pois é a fonte da vida e do perdão. Jesus, após a sua

ressurreição, confere aos apóstolos o encargo de ensinar, batizar, dirigir a Igreja e promete estar com eles, para sempre, até os confins do mundo (cf. Mt 28,20). A autoridade conferida aos apóstolos, por Jesus, há de perpassar os séculos futuros. Assim, na Igreja primitiva, os poderes apostólicos continuam a ser exercidos por pessoas que os próprios apóstolos escolhem para várias funções na comunidade, impondo-lhes as mãos (cf. 2Tm 1,6).

3. A IGREJA É CHAMADA A DAR TESTEMUNHO

A Igreja recebeu do próprio Cristo a missão de ensinar, batizar e ser sinal visível do Reino. Ela foi chamada a dar testemunho no mundo todo. Bem cedo viu a necessidade de anunciar e ser testemunha de Cristo fora de Jerusalém, indo ao encontro dos gentios.

Nas primeiras perseguições sobressai a figura de Saulo, que *devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres, metendo-os na prisão* (cf. At 8,3). Saulo está ligado ao martírio de Estevão (At 7,58; 8,1-3), porém havemos de encontrá-lo tocado pelo Senhor na estrada em Damasco.

Saulo, depois de toda a perseguição e de toda tentativa de exterminar o cristianismo, é derrotado. Sua inesperada “queda” nos reporta ao fato similar ocorrido com Heliodoro na “Epopéia dos Macabeus” (cf. 2Mc 3,24-28). Saulo, após ser tocado pelo Senhor, tem a consciência de que não

estava perseguindo apenas um grupo de fanáticos, mas o próprio Filho de Deus presente nos cristãos.

Em Gl 1,12-16, Paulo se apresenta como testemunha do Evangelho conferido pelo próprio Jesus. Para Lucas, este testemunho de Paulo lhe foi transmitido pela Igreja através de Ananias (cf. At 9,6.10-17) e sua apresentação em Jerusalém se dá com Barnabé (cf. At 9,26-27).

Paulo é tido como um “instrumento eleito por Jesus” para evangelizar e para testemunhá-lo entre os gentios, aos reis e aos filhos de Israel (cf. At 9,15). Depois que Paulo aceita a cruz de Jesus, passa de perseguidor a perseguido, perdendo o seu poder diante dos chefes políticos de sua época. Agora é anunciador de Jesus e testemunha de seu amor pela humanidade. Ao lermos o texto de At 9,15 encontramos a igualdade de Paulo com relação ao profeta Jeremias (cf. Jr 1, 18ss), que recebe a autoridade de comunicar-se com os reis de Judá e a seus chefes, a seus sacerdotes e ao povo de Israel. Paulo também se iguala aos outros apóstolos, testemunhas de Cristo.

Consagrado ao Senhor, Paulo recebe o Espírito Santo e prega ao povo a Boa Nova como uma realidade salvífica. Paulo não prega o que não viveu, mas algo que ele testemunha, o que vai levá-lo a ser perseguido e morto. Seu testemunho é autêntico, e podemos observar a sua transformação completa em seus escritos. A

Igreja começa sua expansão, saindo de Jerusalém, e atingindo os pagãos. O testemunho da Igreja se dará na perseguição e no anúncio de Cristo ressuscitado, tendo sempre sinais visíveis concedidos pelo próprio Senhor e pelo Espírito Santo. A figura de Paulo para a Igreja é de suma importância, pois nos apresenta a ação concreta de Deus na vida de um homem que não acreditava no Cristo, e por uma obra redencional do próprio Cristo, este se transforma num dos maiores pregadores da Boa Notícia. As comunidades primitivas vão encontrar em Paulo o sinal da unidade e de apoio, recorrendo a ele a fim de buscar soluções para seus problemas.

3.1 *Ide, Evangelizai e Batizai em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*

Antes de ascender aos céus, Jesus dá uma ordem a seus apóstolos: *Ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos* (Mt 28, 19ss). Jesus pede aos onze discípulos que estes, mediante o testemunho de vida, façam surgir novos membros para a comunidade e, por conseguinte, estes levem a Boa Notícia ao mundo, e que todos possam receber o batismo em nome da Trindade Santa.

A condição para se tornar testemunha de Cristo é, justamente, aceitar todo o mistério redencional de Cristo, ou seja, a Boa Nova deve ser acolhida como um dom precioso para a humanidade. Os apóstolos, após Pentecostes, entenderam perfeitamente o desejo de Jesus: *que todos sejam um, para que o mundo creia* (Jo 17,21). Esta realidade será possível mediante a pregação do Evangelho, do batismo e do testemunho apostólico. Mesmo na perseguição, a Igreja jamais deixou de cumprir a ordem do Senhor, pois traz dentro de seu coração a presença de Jesus Ressuscitado que a sustenta pelos séculos afóra. *Eu lhes dei a conhecer o teu nome, e lhes darei a conhecê-lo a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles* (Jo 17,26). Conhecer o Senhor é assumi-lo incondicionalmente, ou seja, entregar-se ao seu projeto de amor e salvação. Muitos na comunidade primitiva se doaram até o martírio, para que o nome de Jesus fosse proclamado.

De fato, o fazer-se discípulo de Jesus passa também pelo martírio. É o ato de esvaziar-se por completo para que o Senhor possa agir. Morrer em nome do Senhor é receber a coroa da glória que só é conferida àqueles que proclamam Jesus como seu salvador.

A Igreja se expandiu com o passar dos séculos, e a cada instante renova-se no tempo e no espaço, sob ação do Espírito Santo, dando testemunho de Cristo no mundo, fazendo discípulos, ensinando, pregando a Boa Nova do Reino, e na espera de Cristo

que vem “como a noiva que espera o seu noivo toda enfeitada”; assim a Igreja clama “*Maranatha*”: Vem, Senhor Jesus!

3.2 São João e o Espírito Santo

No Evangelho segundo João, é dado grande destaque ao Espírito Santo. Através da água e do Espírito Santo, todo cristão participa do Reino de Deus, nascendo do Espírito revestido-se da natureza divina (cf. Jo 3,5-8). É após a ceia que as promessas a respeito do Paráclito se acentuam, animando os primeiros cristãos (cf. Jo 14,15-17; 25-26; 15,26-27; 16,7-15). O Espírito Santo, procedente do Pai e do Filho há de consolidar toda a obra de Jesus, por isso é denominado Paráclito, Assistente, Protetor, Defensor e Advogado. O Espírito Santo atuará com poder na comunidade apostólica, sendo assim o grande princípio da ação dos Doze no mundo. O Espírito Santo comunicará o próprio Deus e iluminará as inteligências, tornando-as testemunhas de Cristo, fazendo-as penetrar em toda a verdade, completando, assim, a revelação do Pai e do Filho (cf. Jo 16). A comunidade tem plena certeza desta presença do Espírito Santo em seu seio, o que nos é comprovada pela sua forma de agir e de ser conduzida (cf. Gl 3,2-5). Esta presença se verifica pela unidade, virtudes e alegria dos irmãos.

Jo 4,24 diz: “*Deus é Espírito*”, ou seja, Deus está onde está o Espírito. Isso quer dizer que nossa adoração

se realiza no Espírito de Deus. O Espírito Santo é Deus presente, como dom pleno, como procedência do Pai (cf. Jo 3,34; 14,16.26; 1Jo 3,24; 4,13). No batismo, o Espírito pousou sobre Jesus (Jo 1, 32ss). Jesus, dessa forma, está intimamente ligado ao Espírito Santo. Através de Jesus e sob a ação do Espírito Santo experimenta-se Deus na própria vida (cf. Jo 3,34). Para João, o Espírito Santo atuou em todas as ações e palavras de Jesus de Nazaré. Jesus ressuscitado comunicou o Espírito Santo aos seus apóstolos quando soprou sobre eles, infundindo-lhes o Espírito Santo, dando-lhes o poder de perdoar ou reter os pecados (cf. Jo 20,22).

O Espírito Santo, como procedência do Pai e do Filho, é uma pessoa intimamente ligada a Jesus: Ele vem (Jo 16,7.13), há de permanecer com os apóstolos (cf. Jo 14ss). Da mesma forma que Jesus vem do Pai e é enviado pelo Pai, tudo o que diz não é seu (cf. Jo 5,30; 8,42; 7, 16ss; 14,26; 15,26; 16,13), é o Espírito da Verdade (Jo 3,5s; 20,22; 15,26). É o rio de água viva que jorra do coração de Jesus e que difunde todas as maravilhas (Jo 7, 37ss). Como sopro provindo de Jesus (Jo 16,13), o Espírito Santo dará testemunho de Cristo (Jo 15,26).

3.3 O Batismo insere o crente na comunidade do Ressuscitado

Deus, no seu amor infinito, convida a Igreja através de sua Palavra e a torna eficaz por obra e força do

Espírito Santo. Por este motivo os fiéis batizados são participantes do Reino e introduzidos na Igreja por obra do Espírito. Os cristãos são “chamados” (Rm 1,6), são “Santos” (At 9,13; Rm 8,27), são santificados por Jesus Cristo (1Cor 1,2), são o que “creram” (At 2,44). Estão inseridos na Igreja todos os batizados, os que aceitaram o projeto de Jesus na construção do Reino. Unidos ao Senhor, morto e ressuscitado, participam do rebanho e são membros ativos do Corpo de Cristo. Aos confirmados no batismo são conferidos os sete dons do Espírito Santo.

É na comunidade que os fiéis hão de perseverar na fé (At 2,42) e crescer a cada instante nas virtudes teológicas sob a ação do Espírito Santo (1Cor 3,1s). A comunidade desperta os fiéis para uma unidade de vida espiritual onde se tornam *um só coração e uma só alma* (Cf. At 4,32). *Todos nós fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo* (Cf. 1Cor 12,13). Este corpo é a Igreja, onde *somos membros da casa de Deus e concidadãos dos santos* (Ef 2,19), onde temos deveres a serem cumpridos e direitos a serem exercidos. Como fiéis cristãos, católicos, participamos dos sacramentos e somos beneficiados pela vida eclesial.

É na Eucaristia que se dá o coroamento da vida do batizado pois, pela Eucaristia, se cumpre a promessa de Jesus: *Assim como o Pai que vive e me enviou, e eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim* (Jo 6,57). Eis aqui o grande sinal da unidade da

Igreja como povo de Deus em marcha. *Formamos um único corpo, ainda que sejamos muitos, porque participamos de um mesmo pão* (1Cor 10,17). Não se pode formar Igreja, comunidade dos que crêem em Jesus, a sós, mas com os irmãos, em fraternidade. A Igreja de Jesus Cristo comunga o próprio Cristo em unidade com os seus pastores e todo o rebanho do Senhor. Pelos sacramentos da Igreja é dada a vida de Cristo, e assim todos se unem ao mesmo Cristo para a salvação da humanidade. O batizado, como membro do Corpo Místico de Cristo, deve pôr “tudo no Cristo, e Cristo em tudo”, as amizades, o trabalho, o lazer, as alegrias, as tristezas, os projetos, tudo se fará no Cristo, com Cristo e para o Cristo.

A Igreja, com seus pastores unidos ao Cristo ressuscitado, deve sempre, através de seu testemunho, ser sinal de contradição no mundo, levando-o à plenitude de Cristo no Espírito Santo.

4. OS CARISMAS EM SÃO PAULO

4.1 O Espírito Santo em São Paulo

Paulo assinala o Espírito e a Ressurreição de Jesus, pois é *Espírito vivificador* (1Cor 15,45); é *a glória do Senhor Ressuscitado* (2Cor 3,18). É por isso que Paulo não separa a noção de *vida em Cristo* da noção de *vida no Espírito* (Cf. Rm 8,1-5).

Paulo se detém demoradamente para tratar dos carismas, que são sinais do Espírito, assinalando os dons maiores: a fé, a esperança e a caridade, para a edificação do Corpo de Cristo (1Cor 12). Estes dons se devem ao Espírito que habita em nós (Rm 8,11) e clama em nossos corações (Gl 4,6). É o Espírito que edifica a Igreja, que a mantém em comunhão e unidade (1Cor 12,13; Ef 4,3; Fl 2,1), derramando em nossos corações o dom maior da caridade (1Cor 13). Antes, o Espírito de Deus nos permite reconhecer em Jesus de Nazaré o Senhor (1Cor 12,3) e chamar a Deus de "Abba-Pai" (Rm 8,15; Gl 4,6).

4.2 O Apóstolo São Paulo e a Nova Evangelização

Há mais de dez anos, o Papa João Paulo II tem pedido que cada cristão e cada nação se comprometa com a Nova Evangelização. Evangelho é, etimologicamente, a Boa Notícia de Jesus Cristo. Nova Evangelização, no entanto, não é uma reevangelização, mas um incremento nas atividades evangelizadoras. A Nova Evangelização há de ser, no entender do papa, nova no ardor, nova nos métodos e nova nas expressões.

O Apóstolo Paulo foi o maior evangelizador do cristianismo primitivo e, com certeza, o mais original. Através de suas cartas e dos relatos feitos por Lucas nos Atos dos Apóstolos, percebemos a sensibilidade que Paulo possuía para evangelizar os ju-

deus e gentios, usando em relação a cada cultura uma sensibilidade diversa, necessária segundo as circunstâncias e exigências da missão.

Para os judeus, Paulo se dirigia nos sábados às sinagogas e lá pregava a novidade de Jesus Cristo, morto e ressuscitado (At 19,8). Para os gregos se utilizava até da expressão *Deus desconhecido* (At 17, 1ss), apresentando-lhes o Deus vivo manifestado em Jesus Cristo. A inculturação da fé, ou seja, a reexpressão da fé segundo as categorias e costumes dos povos evangelizados, que é uma das características da Nova Evangelização, tem, em São Paulo, um exemplo vivo de empenho e sensibilidade.

4.3 O Concílio Vaticano II e a ação do Espírito Santo

Os católicos entendem e professam que os bispos reunidos em Concílio são assistidos pelo Espírito Santo. É inegável que o Concílio Vaticano II foi o mais importante acontecimento eclesial deste século. Através de três enfoques procuraremos apreciar a ação do Espírito Santo na renovação eclesial proposta pelo Vaticano II:

Em primeiro lugar deve-se reconhecer a postura de diálogo assumida pelo Concílio. A Igreja quer dialogar com o mundo, a fim de evangelizá-lo. Em todos os 16 documentos do Concílio percebe-se não uma postura apologética, mas a postura de diálogo. Isto se deve ao fato que o Concílio Vaticano II não foi convocado

por uma crise interna da Igreja, uma heresia, mas pela necessidade da Igreja de estar mais presente, mais próxima, mais solidária no que se refere aos anseios da humanidade. Esta abertura da Igreja é, sem dúvida, um grande dom do Espírito Santo, que fez a Igreja reconhecer as suas limitações e pecados do passado, e sobretudo, anunciar com mais eficácia a salvação que o Cristo nos traz.

Em segundo lugar é necessário considerar a questão da colegialidade dos bispos. Se o Concílio Vaticano I (1869-1870) definiu a infabilidade do Papa, que é o chefe do Colégio Apostólico, o Concílio Vaticano II aprofunda a própria compreensão do Colégio apostólico, ressaltando o papel dos bispos na missão da Igreja, tratando da questão da colegialidade. É digno de nota a convocação do Sínodo dos Bispos, geralmente por um período de três anos, como expressão de comunhão e colegialidade episcopal.

Já foram celebrados Sínodos Gerais (1967; 1971 sobre a "Justiça no Mundo" e sobre o "Sacerdócio Ministerial", 1974 sobre a Evangelização; 1977 sobre a Catequese; 1980 sobre a Família; 1983 sobre a Reconciliação; 1987 sobre o Papel dos Leigos; 1990 sobre a Formação Sacerdotal; 1994 sobre os Religiosos; e o próximo, a ser celebrado em 1997, tratará da Missão dos Bispos; cf. *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa de 23/11/1996, p.7). Sínodos extraordinários aconteceram em 1969, sobre as Conferências Episcopais e em 1985, um balanço do Concílio Vaticano II,

vinte anos após a sua conclusão. Os Sínodos especiais foram quatro: em 1980 foi celebrado um sínodo para a Holanda, em 1994 um Sínodo para a Europa, em 1994 um sínodo Africano, em 1995 um sínodo para o Líbano; até o ano 2000 o Papa deseja que cada continente realize o seu sínodo (cf. Carta *Tertio Millenio Adveniente*, n. 38) razão pela qual já foram apresentados os "Lineamenta" para o Sínodo das Américas e para o Sínodo da Ásia (cf. *L'Osservatore Romano*, ed. Portuguesa de 7/9/1996).

É notável, também, que antes do Vaticano II foram fundadas a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, em 1952, e o Conselho Episcopal Latino-Americano, no Rio de Janeiro, em 1955: duas formas de colegialidade episcopal ligadas às nossas terras, e que antecederam e prepararam o empenho do Vaticano II. Estas iniciativas e outras tantas de colegialidade, especialmente no episcopado, são verdadeiros sinais do acolhimento dos dons do Espírito Santo.

Por fim, ressalta-se a participação dos leigos. Um dos documentos do Concílio foi dedicado à missão dos leigos, que já se encorpava graças à Ação Católica, presente em vários países do mundo, como meio eficaz de participação laical. Reconhecemos que a caminhada feita pelos leigos na Igreja é irreversível, tem produzido muitos frutos e tem se tornado muito promissora para o futuro da Igreja, especialmente para o futuro da Evangelização.

Estas três notas mostram a ação do Espírito Santo na Igreja, e o quanto o Concílio Vaticano II é um grande dom do Espírito nos frutos que apresentou para a Igreja e para o mundo.

Breve conclusão

Do mistério trinitário emerge a fonte da Vida e da Revelação, possíveis pela graça de Deus que, para nossa salvação, se auto-comunica. Da Trindade vem Jesus, em quem acreditamos pela ação do Espírito Santo. De fato, Cristo e seu Espírito estão misteriosa e indelevelmente ligados, como diria Paulo: só reconhecemos que Cristo é o Senhor graças à ação do Espírito Santo.

A história de nossa salvação, fixada pela Bíblia, revela que a missão de Jesus foi preparada pela ação do Espírito, no Antigo Testamento. O mesmo Espírito Santo o assistiu em sua missão e na vida da Igreja desde as primeiras gerações.

Ante os desafios que reclamam da Igreja uma Nova Evangelização, ajoelhamo-nos diante da Trindade Santa e imploramos o dom do Espírito para vivenciarmos com fidelidade o Evangelho de Cristo, vivendo hoje e sempre como irmãos, filhos de um mesmo Pai.

BIBLIOGRAFIA

- JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem* sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo. Loyola. São Paulo 1996
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Vozes, Petrópolis 1968
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Vozes-Loyola, São Paulo-Petrópolis 1994
- COMBLIN, J. *O Espírito Santo e a Libertação*. Vozes, Petrópolis 1988
- _____. *O Espírito Santo no Mundo*. Vozes Petrópolis, 1978
- VV.AA. *Espírito Santo: Mistério e História*. In: *Concilium* 148 (1979/8)
- LATOURELLE, René. *Teologia da Revelação*, Paulinas, São Paulo 1985
- VV.AA. *O evento Cristo como obra do Espírito Santo*. In: *Mysterium Salutis*, vol. III/8, Vozes, Petrópolis 1974
- BOFF, Leonardo. *A Trindade, a sociedade e a Libertação*, Vozes, Petrópolis 1986

Pe. Francisco Zeno é Bacharel em Teologia e pós-graduando em Teologia Dogmática na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

A ÁGUIA E A FÊNIX: DESAFIOS DA CIDADE À TEOLOGIA

Pe. Dr. Pedro Carlos Cipolini

“Relativamente ao estudo de Deus, quanto mais perfeito tanto mais difícil; Suscita em maior número as contradições, mais laboriosas devem ser as respostas”. São Gregório de Nazianzo in: *Discursos Teológicos*, XXVIII, n. 21.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende suscitar algumas questões referentes aos desafios colocados pela cidade à reflexão teológica. É uma tentativa sem pretensão maior que servir a um debate que favoreça o desenvolvimento do tema em nosso meio. Penso ser oportuna a escolha do assunto, neste momento em que “a urbanização rápida mostra, claramente, que o problema é a cidade”¹. É na cidade onde inicia-se o que se está chamando de era cyberspacial², uma verdadeira revolução “antropocósmica”, que vem exigir da teologia, um esforço proporcional, para rever a compreensão do

humano (e de todo o criado) como lugar do sagrado. A teologia, hoje, deve estar endereçada à cidade, mesmo porque “não se está nunca diante da cidade, mas quase sempre dentro dela, pois ela é um ímã”³.

O título deste trabalho procura expressar de forma simbólica os dois elementos em questão: águia (cidade) e fênix (teologia). A águia é um dos animais mais poderosos e enigmáticos: como uma máquina voadora, anula as distâncias com a rapidez de seu vôo. Ao mesmo tempo, é um animal sedentário, habita um local delimitado a vida toda. A fênix (um dos primeiros símbolos cristãos), é uma ave mitológica, misteriosa, capaz de renascer das próprias cinzas, assim como a pergunta sobre Deus renasce em cada geração na consciência da humanidade.

Além de propiciar um debate que possa lançar mais luzes sobre a questão aqui tratada, o objetivo é, tam-

¹ José COMBLIN. *Cristãos rumo ao século XXI, nova caminhada de libertação*, Paulus, S. Paulo 1996, p. 316. O autor indica que a cidade é o que existe de concreto, já que a sociedade nacional e internacional são abstrações: “A cidade é a política no concreto”.

² Leonardo BOFF. *Nova era e civilização planetária*, Ática, S. Paulo 1994, p.18.

³ R. ROLNIK. *O que é cidade*, Brasiliense, S. Paulo 1988, p. 13.